

## A Dor e o Prazer

O cérebro é incrível. Ele esquece a dor, mas não o prazer. Quero dizer, você até se lembra de que sentiu dor, mas não volta a senti-la só de lembrar. O prazer sim.

Experimentamos, na vida, muitos tipos de sensações e provações. Trilhamos caminhos que ora são acolhedores, ora são profundamente dolorosos. Acredito até que ritualizamos momentos – aniversários, formatura, mortes, nascimentos, casamentos, separações, demissões, injustiças, inveja e por aí vão as diversas formas e paradoxos procedimentais e, até mesmo, atitudinais em nossa caminhada humana.

Graças a essa particularidade do cérebro acabamos por esquecer alguns erros de tratamento e, nestas ressignificações incluímos acontecimentos que nos levam ao rancor, ou a magoa, ou a dissabores, ou as lágrimas e outros famosos sentimentos.

Fiz essa introdução para escolher um comportamento importante e essencial na nossa vida - a educação. Como docente comprometido, estou convicto de que depende da capacidade que temos de tocar o coração das pessoas para o conhecimento. E isso se dá de muitas maneiras. Uma delas ocorre quando apresentamos modelos de vida. Não modelos perfeitos, mas pessoas que se notabilizaram por vencer obstáculos e perseguir a meta.

Escolhi para esta reflexão o exemplo de Nelson Mandela como um precioso tesouro para educação. Sua fé na justiça, apesar das injustiças. Sua perseverança na liberdade, apesar da prisão. Seu sonho de construir uma nação em que a cor da pele não desse o tom do respeito. Usou de todas as forças possíveis para que o seu povo celebrasse o sonho antevisto por Luther King - outro referencial.

Quando apresentamos biografias aos nossos alunos, permitimos que percebam, com mais cuidado, a riqueza da vida talhada em momentos mais fáceis e em momentos mais difíceis. Mostrar o sucesso apenas é desconsiderar os muitos fracassos que haverão de viver os nossos aprendizes. Preparar para o fracasso parece um paradoxo para quem prepara para a vitória. Mas não é.

Quantos fracassos viveram o personagem que escolhi e outros na história que conhecemos. Mas persistiram porque foram talhados para a luta. Em um mundo cheio de competições, em que as pessoas acabam sendo descartadas sem muita cerimônia, em que os empregos não são definitivos, educar para a adversidade faz parte do escopo essencial da relação de ensino e aprendizagem.

A literatura dialoga com a história que dialoga com a vida. O conhecimento e a aprendizagem acontecem como a vida acontece. E libertam com o poder de tirar dos porões o oprimido, era esse o sonho de Paulo Freire.

Um exemplo bem recente foi o filme “Sempre ao seu lado”. Uma lição de vida, uma prova para corações insensíveis. Um filme fabuloso do início ao fim. Uma verdadeira lição de amor entre homem/animal, uma jornada de anos de muito carinho, amor, companheirismo, cumplicidade e lealdade. Um elenco estupendo encabeçado por Richard Gere e Joan Allen, além de ótimas presenças dos coadjuvantes dão o tom dramático necessário a essa história divina. Mais um grande filme na carreira do grande diretor de dramas Lasse Hallström, um dos grandes diretores de que assisto seus filmes e sei antes de começar que não vou me decepcionar. Destaque também para a trilha sonora de Jan A.P. Kaczmarek e a grande fotografia. A história comove do primeiro ao último minuto e o desenvolvimento é muito poético e sensível. Um filme para toda a família, uma grande chance de ensinar aos filhos e os professores aos alunos importantes lições dos sentimentos citados por mim no início deste comentário. Um filme impagável, imperdível.

O mais interessante que está é uma história verdadeira, obviamente não ocorreu nos EUA e sim no Japão, na província de Akita. O cão nasceu em 1923 e seu dono Eisaburo Ueno, professor da faculdade imperial. Hachiko ia com ele todos os dias até a estação de trem e o esperava no horário que ele voltava. Certo dia, quando Hachiko tinha 1 ano e 6 meses, o professor Eisaburo morreu na faculdade. O akita voltou lá, todos os dias, nos próximos dez anos, até sua morte.

Os educadores têm de ter na mente esse desafio, apresentar vidas para que as vidas dos aprendizes tenham ainda mais significado. Esse é o antídoto que temos contra a distribuição dos valores humanos. É nadando contra correnteza que fortalecemos os nossos músculos morais. Nós professores, podemos e devemos fazer a diferença. Vale a pena experimentar ...